

CAPITULO 3

UM POUCO DA HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Incluimos como Exército Brasileiro todas as Forças Terrestres Brasileiras (FTB), do Descobrimento à Independência, das quais ele é o herdeiro e repositório, seja das tradições, seja do patrimônio histórico-cultural, acumulado por aquelas Forças.

História do Exército e a História de sua Arte e Ciência da Guerra

A História do Exército Brasileiro encerra o conceito de História da Arte e Ciência da Guerra do Exército Brasileiro. E mais, o de História da Doutrina do Exército Brasileiro. Esta entendida, como os princípios pelos quais o Exército, desde o Descobrimento até o presente, vem sendo organizado, equipado, instruído, desenvolvidas suas forças morais e empregado em lutas internas e externas.

A História do preparo do Exército ou das FTB (organização, equipamento, instrução e desenvolvimento das forças morais), sem muito rigor, seria a História da Ciência da Guerra do Exército Brasileiro.

E ela é rica em soluções brasileiras - particularmente nos campos da organização, instrução e forças morais. Soluções fruto do pensamento militar criador brasileiro, capazes de alicerçar o futuro do Exército.

Já no campo do equipamento, não se pode afirmar o mesmo, pois é o que mais evolui numa Doutrina Militar. Novos equipamentos introduzidos, tornam obsoletos ou ultrapassados os usados até então. Neste campo, compete a um Exército atualizar-se, dentro das possibilidades do Poder Nacional, com o mais moderno produzido pela Ciência Militar Mundial.

A História do emprego das FTB ou do Exército, desde o Descobrimento, seria a História da Arte da Guerra do Exército. E como Arte da Guerra, o conjunto de decisões táticas, estratégicas e logísticas militares que contribuí-

ram para a configuração e manutenção de um Brasil de dimensões continentais.

Decisões fruto da judiciosa aplicação dos fundamentos da Arte da Guerra (Fatores da Decisão, Princípios de Guerra, etc.), tudo no território nacional, para a solução de problemas militares brasileiros.

A Arte da Guerra do Exército Brasileiro, estudada e pesquisada com objetividade, será valioso instrumento para a construção do Exército do futuro.

É comum considerar-se História do Exército como coisa irrelevante, que nada poderá contribuir para o seu futuro. E só, com o seu aspecto de patrimônio histórico. Ou, com vestígios de lutas passadas, em museus, Enfim, coisa do passado, cuja serventia futura seria o culto dos heróis, dos feitos e das tradições militares do Exército. Culto por sua vez capaz de fortalecer o moral da Instituição, o que é relevante.

Esta ótica distorcida, tem sido obstáculo para que a História do Exército seja vista em seu verdadeiro papel: História da Doutrina do Exército ou da Arte e Ciência da Guerra do Exército. E mais, a de seu patrimônio cultural profissional, acumulado em quase cinco séculos, desde o Descobrimento. Patrimônio que deve ser pesquisado e estudado objetivamente, em particular no que ele encerra de Arte da Guerra do Exército. Estudo e pesquisa a serem realizados por chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército. Pesquisa e estudo crítico, objetiva de subsídios para a construção do Exército do futuro.

Ótica distorcida que tem, inclusive, afetado a imagem profissional de militares que se têm dedicado à pesquisa e ao estudo crítico da História do Exército. Incompreendidos, são taxados de ratos de arquivo ou, trãnsfugas que buscam refúgio no assunto, para esconder a sua incompetência. Percebendo esta realidade outros iniciados desistem. Não persistem! O que é lamentável! Pois um exército é construído por chefes e escritores. E assim o foi o Exército Brasileiro de Canudos à FEB.

Utilização da História do Exército: É valioso instrumento didático para a formação profissional do combatente do Exército. É importante fonte tributária de subsídios para o desenvolvimento da Doutrina do Exército. É ela que emprestará, progressivamente, através de subsídios que fornece, a característica brasileira da Doutrina do Exército. Característica sonhada e almejada pelas gerações passadas e atuais do Exército. Característica que assume especial relevo para as gerações do Exército do futuro e do Terceiro Milênio.

A maior parte do conhecimento do combatente brasileiro é adquirido pela instrução, estudo e leitura. Muito pouco, ele adquire pela experiência. E esta é adquirida através de manobras freqüentes ou em ações de guerra. As primeiras são de alto custo, fator que limita a freqüência e amplitude desejáveis. Guerras não temos tido desde 1945.

Resta ao combatente do Exército, o estudo das experiências comprovadas no maior laboratório da Arte e da Ciência da Guerra - o Campo de Batalha.

Experiências de seu próprio Exército e dos demais exércitos do mundo, no que for compatível. Experiências que lhe são transmitidas após pesquisadas e estudadas por chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército. E é isto que os últimos têm feito, fazem e terão que fazer com maior intensidade para a construção do Exército do futuro. E a História do Exército servirá de valioso instrumento, particularmente para o chefe, o pensador e o planejador da instituição como:

- Valiosa substituta da ausência de experiência pessoal;
- Fonte de dados empíricos, para deduzirem-se princípios ou características;
- Fonte de dados comprovados, para viabilizar o planejamento, à luz das realidades culturais e operacionais do Brasil;
- Elemento auxiliar para reduzir o espaço entre o desejável e a realidade;
- Elemento para o estudo das reações do fator de decisão do terreno brasileiro, nas operações militares sobre ele realizadas em quase cinco séculos;
- Meio auxiliar na instrução do combatente, sob a forma de exploração de casos históricos brasileiros, pois o ajudará a melhor aprender e fixar idéias abstratas, conceitos e fundamentos da Arte e Ciência da Guerra do Exército Brasileiro. Principalmente, casos que indiquem sucessos e fracassos e apontem ensinamentos decorrentes;
- Valioso instrumento para o desenvolvimento das forças morais do combatente do Exército. Isto, através do culto e evocação dos heróis, feitos e tradições do Exército e da convicção, de que ele é instrumento a serviço da conquista ou preservação dos Objetivos Nacionais Permanentes do Brasil (ONP);
- Fonte de exemplos edificantes de prática de virtudes militares, por militares do passado. Assunto de grande utilidade, face a invasão que ora se percebe de novas escalas de valores, ou axiológicas, relacionadas com o bem estar e não com a Felicidade. Esta, no caso do militar é a satisfação do dever bem cumprido e harmonia entre seus interesses e os da Nacionalidade. Ou, entre seus objetivos e os ONP; e
- Elemento precioso, se pesquisado e estudado à luz da Doutrina do Exército ensinada nas escolas do Exército (AMAN, CPOR, EsAO, ECEME).

Tudo com o objetivo de colher e fixar ensinamentos. Acredito seja esta a melhor maneira da História do Exército contribuir para a formação de seus quadros e desenvolvimento de sua Doutrina Militar. Neste particular, a ECEME realizou com seus alunos, por volta de 1960, valiosas pesquisas. Elas abrangeram entre outros assuntos: A Revolução de 1893; A Guerra do Contestado; A Revolução de 1924; A Revolução de 1932 e o Combatente Brasileiro na Itália. Todas pesquisadas e estudadas, tendo como elemento de crítica da Doutrina do Exército ensinada na ECEME. Encontram-se à disposição dos interessados: um exemplar na ECEME e outro no C Doc Ex. São ricas em ensinamentos logísticos, sobre as características do combatente e do chefe brasileiro e reações do terreno brasileiro às operações militares. Este veio cuja exploração foi iniciada pela ECEME, segundo orientação do EME, está muito longe de

esgotar-se. As fontes disponíveis para o estudo do restante das experiências do nosso Exército, durante quase cinco séculos, em lutas internas e externas, já permitem explorações do ponto de vista didático.

Convém aqui assinalar a importância da História do Exército conforme, a Port 61-EME, de 07 Out 77:

Como importante manancial de valores a considerar para orientar as atividades do Exército, como instituição e como força operacional;

Como instrumento para o desenvolvimento do tirocinio do combatente do Exército;

Como o instrumento à disposição do chefe para evitar a repetição de erros passados em todos os níveis de comando;

Como meio auxiliar na instrução do Exército. Pois permite a identificação de conceitos e princípios básicos pouco mutáveis na Arte da Guerra;

Instrumento auxiliar do planejador militar brasileiro, na identificação das características e peculiaridades do integrante do Exército, como chefe e como combatente;

- Instrumento auxiliar na identificação das características e peculiaridades reveladas pelas OM e pelo Exército, ao longo do processo histórico do Brasil;

- Fonte de subsídios para o desenvolvimento da Doutrina Militar do Exército, ao levar em conta, em seu desenvolvimento progressivo, as características e peculiaridades reveladas ao longo do processo histórico do Brasil pelo homem, terra e instituições, brasileiras. Particularmente quanto aos seus reflexos no Exército Brasileiro, como instituição e força operacional; e

- Neste particular assumem relevância os estudos da História do Exército Brasileiro que permitam a análise, interpretação e, particularmente, sínteses históricas sobre aspectos relacionados com “chefia e liderança, características do combatente terrestre brasileiro, com operações militares, com apoio administrativo e com a evolução das OM”.

Além destes aspectos entre outros aspectos retirados da Portaria 61-EME, 07 OUT 77 - Diretriz para as Atividades do Exército no Campo da História poderíamos enumerar e detalhar múltiplas utilizações profissionais da História do Exército.

Um pouco da História da História do Exército

Introdução da cadeira de História Militar na Academia Real, em 1810:
O Príncipe Regente D. João, por Carta de Lei de 4 Dez 1810 e em nome de Rainha D. Maria I, criou a Academia Real Militar, raiz da AMAN por decreto do Presidente Getúlio Vargas, mas historicamente tendo por raiz a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho fundada na Casa do Trem em 1792 pelo Vice-Rei Conde de Resende, no Aniversário da Rainha D. Maria I e sob a égide do Regente Príncipe D. João.

Determinou quanto ao estudo de História Militar:

“Haverá um lente de História Militar que servirá de bibliotecário. No último ano lecionará História Militar de todos os povos e seus respectivos progressos, na Arte e Ciência Militar. Dará idéia dos maiores generais nacionais e estrangeiros e explicará os planos das mais célebres batalhas, o que acabará de formar os alunos”(1).

Os Patronos do Exército e a História Militar: Em 1819, o Alferes Luiz Alves de Lima e Silva, atual Patrono do Exército Brasileiro e maior general da História do Brasil, freqüentou a Cadeira de História Militar daquela Academia. Desde então, o estudo da História Militar foi constante na vida de Caxias. E mais, o acompanhamento da evolução da Arte e da Ciência Militar Mundial e o estudo das campanhas de Napoleão segundo o Marechal Castelo Branco, e as da Guerra de Secessão nos EUA segundo o Marechal Tristão de Araripe.

Antes do transcurso da Guerra da Tríplice Aliança, estudou atentamente o desenvolvimento da Guerra de Secessão dos EUA, com vistas a colher os ensinamentos que ela sugeria.

O Brigadeiro Antônio de Sampaio, atual Patrono de Infantaria, embora sem formação acadêmica, foi surpreendido por Dionísio Cerqueira durante a guerra da Tríplice Aliança, a estudar, em sua barraca, a vida e obra de Napoleão (2).

O general Osório, Patrono da Cavalaria, teve uma formação militar mais vivencial em plena luta, e na forma definida por Camões: “A disciplina militar prestante não se aprende senhores na fantasia,... senão vendo, tratando e pelejando”.

Osório valorizava a História Militar. E a transmitiu, em parte, a seu filho - Fernando Luiz Osório, ilustre historiador brasileiro que a registrou em sua obra **História do General Osório**.

O neto do General Osório, Fernando Osório, seria um destacado historiador militar e principalmente divulgador das glórias e tradições militares brasileiras. Particularmente através das obras - O Espírito das Armas Brasileiras, Sangue e Alma do Rio Grande (4) e colaboração no 2º volume, História do General Osório, iniciada por seu ilustre pai.

O Marechal Floriano e o estudo da Arte da Guerra Brasileira: Floriano Peixoto foi dedicado profissional do Exército e destacado herói da Guerra de Tríplice Aliança. Quando Presidente da República preocupou-se com o aproveitamento da experiência histórica.

Encarregou Cel Carlos Emílio Jourdan (5) veterano da Guerra da Tríplice Aliança e construtor de algumas das pontes sobre a Estrada do Chaco, como tenente engenheiro no comando de uma das companhias do Batalhão de Pontoneiros do 22º Corpo de Exército, de escrever a História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e a de 1866-70 (6). Esta História

a ser ilustrada com mapas é destinada, segundo diretriz do Marechal Floriano - “O Marechal de Ferro” a;

“Desenvolver as aptidões dos alunos das nossas escolas militares **a criar e aperfeiçoar** uma tática e uma estratégia apropriadas às condições geográficas especiais do Brasil”.

Jourdan não conseguiu editar toda a sua obra. Mas seu **Atlas da Guerra do Paraguai** (7) vem prestando há mais de um século relevante serviço, ao ensino da História Militar do Exército, na Guerra da Tríplice Aliança.

Tasso Fragoso foi o encarregado de coordenar a publicação da obra de Jourdan. Revelou ser o seu autor predileto, ao escrever sua monumental **Guerra da Tríplice Aliança**. Naquela ocasião, acreditamos, tenha despertado para o valor da História e idealização, então como oficial do Estado-Maior do Exército, a escrever a História do Serviço do Estado-Maior no Brasil. Tarefa que teve logo que abandonar, com este desabafo na memória que leu para a Comissão de Reorganização do Exército, ou Reforma Militar (8):

“Quase nada, para não dizer nada, existe publicado entre nós sobre a História do Exército Brasileiro”.

A Reforma Militar valoriza a História do Exército: Com o advento da Reforma Militar a situação foi se modificando aos poucos.

Foi criada a **Revista Militar** no Estado-Maior do Exército (EME). Ela junto com o **Boletim Mensal** do mesmo EME, passaram a publicar pesquisas sobre a História do Exército. A estas publicações vieram juntar-se os esforços da **Defesa Nacional** e de publicações da BIBLIEX e a **Nação Armada** (1939-1947) (9). Somente após 70 anos de acumulação de subsídios, tarefa realizada particularmente pela 5ª Seção de História e Geografia do EME, foi possível, em 1972, consolidá-los na obra - **História do Exército Brasileiro**, editada em 3 volumes pelo EME, sob a coordenação da Comissão da História do Exército Brasileiro (CHEB). Comissão que sucedeu (até ser extinta em 1973) a 5ª Seção de História e Geografia, existente desde a criação do EME, em 1899, e extinta por volta de 1970.

A maioria esmagadora destes trabalhos foi produzida por historiadores da ativa e da reserva do Exército. Inclusive, expressivo número de altos chefes do Exército. **A presença de historiadores civis instrumentados com metodologia científica em faculdade, foi insignificante ou mesmo não existiam.** E o problema da História do Exército Brasileiro, no atual estágio em que se encontra, foi resolvido pelos próprios militares de modo empírico, intuitivo por alguns, e de modo científico por alguns poucos autodidatas. (O grifo e nosso).

Entre os últimos, registre-se Tasso Fragoso, considerado inclusive o “Pai da História do Exército Brasileiro”. Seus esforços, junto a Comissão encarregada da Reforma Militar do Exército, surtiram efeitos. Posteriormente produziria dois clássicos de nossa História Militar: **A Batalha do Passo do Rosário e A**

Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. E mais o General Paula Cidade, autor de **Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira e Lutas no Sul do Brasil com Espanhóis e Descendentes**.

Genserico Vasconcellos com seus livros sobre **História Militar Geral e do Brasil**, abordando aspectos de Arte e Ciência de Guerra do Exército Brasileiro na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), marca o início da exploração da História do Exército, com objetivos didáticos.

Jonathas do Rego Monteiro, autor de **Colônia do Sacramento e da Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul 1763 -77**, modelar trabalho sobre nossas lutas no Sul (1630-1778) também buscou aqueles objetivos.

Missão Militar Francesa recomenda o estudo da História do Exército: Por esta época já havia dado início aos seus trabalhos a MMF. Na falta de textos sobre a História do Exército Brasileiro, deficiência assinalada por Tasso Fragoso, no início da Reforma Militar, seus instrutores foram forçados a ensinar Estratégia e Tática, ou Arte de Guerra, com apoio na História Militar Geral.

Mas, segundo o Cel Ruas Santos, os instrutores da Missão Francesa insistiam com seus instruendos do Exército Brasileiro:

“Estudem a História Militar do Brasil e dela procurem tirar os ensinamentos de Arte e Ciência da Guerra do Brasil que contribuirão para corporificar uma Doutrina Militar Brasileira”.

O alerta da Missão Francesa virou modismo. Vários foram os militares e particularmente chefes, que arregaçaram as mangas e passaram a pesquisar e a publicar trabalhos sobre a História do Exército. Socorreram-se de todas as fontes ao seu alcance e descobriram e divulgaram novas, em quantidades apreciáveis. Houve então um surto cultural geral e profissional que revelou diversos pensadores do Exército e forjou e projetou destacados chefes.

A este esforço juntaram-se vários historiadores civis de todo o Brasil. Houve tempos em que a Biblioteca do Exército (BIBLIEX) concentrou seu esforço a serviço da divulgação de pesquisas sobre História Militar. Para confirmação, basta consultar o catálogo da BIBLIEX.

Outras editoras civis, como a Editora Globo no Rio Grande do Sul forte reduto de historiadores militares, prestaram valioso e alentada divulgação da História do Exército Brasileiro. A Coleção Brasileira não ficou atrás.

Descaso pela História do Exército na Escola Militar de Praia Vermelha: Em 1922, Tasso Fragoso editou sua obra de estréia como historiador - A Batalha do Passo do Rosário. No prefácio procurou responder a seguinte pergunta: “Por que seria a História do Exército Brasileiro tão descuidada na Escola da Praia Vermelha ?” Isto, após depor com a autoridade de um oficial-general e como um dos maiores expoentes da classe, fato reconhecido por seus pares e sociedade civil:

“Logo aos primeiros passos de minha vida como oficial do Exército Brasileiro, senti com mágoa, a deficiência de minha preparação histórica.

Reconheci a falta ao conhecimento dos fastos da Pátria. Mas, sobretudo, os seus feitos militares. Foi no estrangeiro que a constatação desta verdade me compungiu a alma de brasileiro. Pois, assim como a ausência aumenta a amizade, o peregrinar em terra alheia exalta o patriotismo”.

Tasso Fragoso encontrou a seguinte resposta à sua pergunta:

“Talvez se possa explicar tão surpreendente contraste. Nos anos anteriores ao advento de República havia se arraigado no espírito de muitos, a falsa idéia de que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos, deviam fundamentar-se no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado. Dai o estado de alma da geração militar a que pertenci e do meio que preparava. Neste ambiente havia um temor de falar em guerras na presença dos moços. Estes não tinham para com os veteranos da Guerra do Paraguai, que desfilavam diante daqueles quebrados pela velhice e com fardas rebrilhantes de condecorações, o respeito e a estima que mereciam, como dignos e leais servidores da Pátria comum”.

Esta atitude eqüivaleria hoje da parte dos cadetes da AMAN, por exemplo, um menosprezo e um deboche para com nossos heróis da FEB. Atitude impossível de ocorrer. Mas caso acontecesse seria considerado absurdo, sem precedentes. Este período, vem sendo revisto do ponto de vista de sua negativa, influência no Exército, influência traduzida na pratica, por sua doutrina Militar na Guerra de Canudos e Guerra civil 1983-95 na Região Sul.

Conclui-se de Tasso Fragoso do Marechal Estevão de Carvalho (10) e do General Moacir Lopes de Rezende na obra **História da AMAN**, e Edmundo do Campos Coelho, na Coelho, na obra **Em busca de Identidade – o Exército Política na Sociedade Brasileira**, que durante o período imediatamente anterior e posterior à Proclamação da República vingou sob a forma de idéias na Escola Militar da Praia Vermelha e do ponto de vista profissional militar, mais joio do que trigo. O general Raul Silveira de Mello se refere a este assunto (11). Roberto Piragibe da Fonseca em **Dois Estudos Militares** – Rio, 1974, aborda o problema.

Acreditamos que uma revisão histórica deste período no Exército irá fornecer-lhe preciosos ensinamentos nas formas de erros a serem evitados no seu futuro como instituição. Bem como, os males decorrentes como força operacional, dos quais a Campanha de Canudos e a revolta da vacina Obrigatória, em novembro de 1904, nas escolas militares da Praia Vermelha e do Realengo, são exemplos de triste lembrança. O último, obrigando a suspensão do funcionamento das duas escolas e extinção de ambas por decreto nº 5.698, de 02 Out 1905. A Escola Militar da Praia Vermelha foi abandonada para sempre. No mesmo local, em 1935, teria lugar a Intentona

Comunista. Alguns analistas atribuem a estes males reflexos negativos da doutrina positivista no Exército. Ou no mínimo, má interpretação de seus Princípios por muitos de seus seguidores. A cadeira de História Militar, embora curricular na Escola Militar da Praia Vermelha, passou por completo desprestígio, é conhecida como lembrança dos crimes contra a Humanidade e ensino de más lições para os jovens.

Dai interpretarmos originar-se a deficiência da preparação histórica confirmada por Tasso Fragoso. Para outros analistas estas circunstâncias adversas para a História do Exército Brasileiro e para o culto de suas tradições incorporou-se no inconsciente coletivo de parcela de seus membros. E assim viria sendo inconscientemente transmitida de geração a geração. Daí resultaria o conceito da História do Exército como “balela” ou cultura inútil. Coisas para velhos e saudosistas e não a História da Doutrina e da Ciência e da Arte da Guerra do Exército conforme era o espírito da Port 61-EME-1977.

Estou certo de que nossa História Militar de quase 5 séculos, se bem explorada, será fator importante na formulação de uma Doutrina Militar do Exército Brasileiro do futuro. E não se iludam! Muito tem de ser feito neste sentido. E a Port 61-EME citada responde a esta necessidade, ao considerar todo o pessoal e OM, participantes das Atividades do Exército no Campo da História. Esperamos assim que seja recuperado o tempo perdido.

Dois pensadores militares do Exército: Na década de 30 começam a emergir no seio do Exército dois brilhantes pensadores militares brasileiros. Suas obras possuem grande atualidade dentro do ideal de formulação de uma Doutrina Militar do Exército, progressivamente apoiada em subsídios colhidos da História do Exército Brasileiro, particularmente no que elas encerram de Arte e Ciência da Guerra do Brasil. Foram o coronel João Batista Magalhães e o Marechal Carlos de Alencar Castelo Branco. O primeiro autor de alentada obra específica, na qual se destaca - A Evolução Militar do Brasil - (12).

Era muito admirado e respeitado intelectualmente por Castelo Branco. Este seria mais tarde o oficial de operações do Brasil na FEB. Foi igualmente comandante da ECEME e Chefe do EME. Segundo o Coronel Ruas Santos que organizou para a ECEME, em 1960, junto com o major Maia Pedrosa a obra - **O Marechal Castelo Branco** - seu Pensamento Militar:

“Ninguém excedeu o Marechal Castelo Branco no aproveitamento de subsídios doutrinários, sugeridos pela História Militar do Brasil”.

E a constatação é simples. Basta ler-se na obra citada, na parte VI - “O Marechal Castelo Branco e a História Militar do Brasil”. Veremos que usou a História do Exército Brasileiro, como valioso instrumento didático, para auxiliar a formação dos oficiais do Exército de sua geração. Foi brilhante na captação de idéias focais ou aspectos essenciais de um assunto histórico-militar brasileiro. De igual forma, na formulação da síntese histórica conseqüente. E mais, no aproveitamento doutrinário da síntese, para si, como chefe, e para seus instruídos.

Seus planejamentos de defesa do Nordeste, como comandante do IV Exército, eram precedidos de uma pesquisa e interpretação histórica, à luz das lutas internas e externas ocorridas na área desde o Descobrimento. E mais, justificados com apoio nos ensinamentos doutrinários colhidos naquelas lutas.

Alguns estudos de História do Exército de Castelo Branco: As pesquisas a seguir, são modelares para o chefe, o pensador, o planejador e historiador do Exército, do presente e do futuro, colocarem a História do Exército, em seus aspectos de História da Doutrina e de História da Ciência e da Arte da Guerra do Exército, a serviço de sua construção futura

- A Guerra Holandesa (1624-1654);
- A Manobra da Santa Luzia-1842;
- A Campanha de 1851-1852;
- A Organização do Comando na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai;
- Aspectos da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai;
- O Alto Comando Aliado na Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai;
- O Problema Humano da FEB;
- Participação do Brasil na II Grande Guerra;
- Reflexões sobre, as Forças Morais no Combate e sua relação com a FEB; e
- Grandes Chefes Militares Brasileiros (Caxias, Sampaio, Osório) (13).

O Marechal Castelo Branco e o Patrimônio Histórico do Exército

Em nosso trabalho As Batalhas dos Guararapes (14) evidenciamos a preocupação e veneração do Marechal Castelo Branco pela preservação do patrimônio histórico-militar do Brasil representado pelos Montes Guararapes, desde 1971 transformados em Parque Histórico Nacional dos Guararapes, pelo Presidente Médici. Trabalho que tivemos a honra cívica de coordenar seu planejamento, construção e inauguração, por designação do General Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca, confirmada por seu sucessor, General Ex João Bina Machado, comandante do IV Exército. Obra concretizada em tempo recorde, com o apoio das autoridades pernambucanas e interesse pessoal do Presidente Emílio Garrastazú Médici e dos Generais Orlando Geisel, então Ministro do Exército e Alfredo Souto Malan, então na chefia do EME. Este como, comandante do IV Exército, já havia desenvolvido esforços neste sentido (15).

Ao estímulo e apoio dessas três autoridades muito deve o Exército a edição da **História do Exército Brasileiro** em 3 volumes, em 1972, antiga aspiração dos integrantes da Instituição.

O então Tenente Coronel Castelo Branco, antes de partir para a Itália esteve em Guararapes. Lá assistiu a transladação para sua igreja dos restos mortais de Fernandes Vieira Vidal de Negreiros. Foi ele, junto com outros febianos, buscar inspiração para a luta na Itália.

No retorno vitorioso da FEB da Itália, foi a Guararapes, junto com seu comandante, o então general Mascarenhas de Moraes, e com outros febianos. Lá depositaram os louros conquistados pelo Exército Brasileiro nos campos da Itália.

Naquele local, em 28 de abril de 1970, o general Arthur Duarte Candal da Fonseca inaugurou o monumento mandado construir pelo prefeito do Recife Dr Geraldo Magalhães. Constaram em placa as palavras, proferidas pelo comandante de FEB, ao depositar, os louros colhidos pelo Exército nos campos de Itália, nos Montes Guararapes, local onde despertou o espírito do Exército Brasileiro.

Como comandante do IV Exército, o general Castelo Branco visitava com frequência os Montes Guararapes. Ali ministrava aulas sobre as batalhas a seus acompanhantes. Invadida a área por mocambos, tomou providências enérgicas para que refluíssem para outros locais. Em 15 de novembro de 1965, como Presidente da República, e por Dec 57 272, desapropriou a área dos Montes Guararapes. Em 17 de outubro de 1960, como um dos últimos atos de seu governo, para tornar a desapropriação irreversível, mandou executá-la com rapidez, antes mesmo da finalização do processo.

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil: Em 07 de novembro de 1936, foi fundado o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Entidade que tem congregado em seu quadro social as maiores expressões das nossas Forças Armadas em História e Geografia Militar do Brasil, e alguns historiadores civis, particularmente residentes no Rio de Janeiro (16).

Por Dec. Nº 27 512, de 28 de novembro de 1949, do Presidente da República, Marechal Eurico Gaspar Dutra, foi considerado órgão consultivo oficial em assuntos de História e Geografia Militar.

Sua contribuição à elaboração da História do Exército Brasileiro foi assinalada, através de colaborações dos membros que o integram.

Em seu cinquentenário em 1987, comemorado na Escola de Saúde, foi orador um dos seus idealizadores e fundadores e o único sobrevivente hoje o Gen Severino Sombra. Organizamos então como seu bibliotecário e apoio do AHEx que dirigíamos e da FHE-POUPEX, o seu Arquivo de Sócios, da Revista e de importantes instrumentos de História Militar das Forças Armadas do Brasil. A cada patrono de cadeira e sócio efetivo ou correspondente foi destinada uma ou mais caixas e nelas depositados obras currículos e outros elementos correspondentes a cada sócio e balizadores de sua vida e obra cultural. Posteriormente foi registrado em Livro manuscrito o conteúdo de cada caixa para facilitar pesquisas de seus conteúdos. Na Revista foi preservada uma Coleção com o índice que o AHEx elaborou.

Em data recente foi transferido para a Casa de Deodoro, depois de funcionar largo período no 12ª andar do Palácio Duque de Caxias.

Para dinamizar suas pesquisas sugerimos em 1991, e a Assembléia aprovou o Núcleo de Pesquisas de História Militar (NEPHIM) que coordenamos em sua fase inicial e com vistas a dinamizá-lo com comunicações solicitadas aos sócios ou por iniciativa dos mesmos e participação nela de correspondentes. Idéia adaptada da Comissão de Pesquisas Históricas do IHGB (CEPHAS), que impulsionou a pesquisa e o debate histórico em concorridas sessões às quartas-feiras à tarde.

Como a maioria das instituições históricas em razão de seu alto custo, estava proibitiva a edição de sua revista RIHGMB sem o apoio de quem tem o poder e dever de Estado ou Social de fazê-lo.

As revistas publicadas são ricas em valiosas pesquisas - Providenciamos a microfilmagem das mesmas, cujos microfilmes foram enviados para o arquivo de Segurança em Brasília. Presidiram o Instituto diversas personalidades onde cumpre destacar o Gen Prof. Jonas Morais Correia Neto que o presidiu superiormente por cerca de 12 anos.

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende em 1º março 1996, aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na AMAN. Destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A novel entidade de amplitude nacional tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Moraes e Castelo Branco. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco e Pedro Calmon, pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A novel entidade tem como 1º presidente de Honra empossado, o Exmo Sr Gen Ex Zenildo de Lucena - Ministro do Exército, grande estimulador da idéia. Entre os fatores da escolha de Resende ressaltam ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar que ministra a seus cadetes nos 2º, 3º e 4º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil. A Diretoria da AHIMTB foi assim constituída: Presidente - Cel Cláudio Moreira Bento; Vice presidente Cel Arivaldo Stiveira Fontes; Conselho Fiscal: Gen Ex Luiz Pires Ururay Neto e os Cel Geraldo Levasseur França e Flávio Arruda Alves. A primeira posse como acadêmico foi a do Gen Carlos de Meira Mattos, na cadeira marechal João Batista Mascarenhas de Moraes e aos quais muito se deve a preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira. A segunda posse como acadêmico foi a do Gen Plínio Pitaluga na cadeira Gen Raul Silveira de Mello. A Academia participou ativamente do 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba tendo por tema central - A História Militar do Vale do Paraíba que foi realizado no período de 3 a 5 julho 1996 nas Faculdades D. Bosco, AMAN e Centro de Recuperação de Itatiaia e também de 23 a 25 de setembro 1997 em

um Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na Câmara Federal e, em 25 de setembro na Globo News, sobre o mesmo tema e defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que via de regra vinha sendo deturpada quando em realidade a responsabilidade moral e política foi da Sociedade Civil da época que ordenou a destruição de Canudos. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GUARARAPES que é dirigido a especialistas e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica, por gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente do desenvolvimento de suas doutrinas militares desenvolve seu trabalho em duas dimensões: 1 - A clássica como instrumento de aprendizagem em Arte Militar, com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas etc. 2 - A outra com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para se colocados à disposição das lideranças civis, evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves consequências para a Sociedade Civil Brasileira.

1 – Tentar evitar conflitos. 2 – Se ele for inevitável conduzi-lo da melhor maneira possível!

A Academia se propõe a dar especial atenção à Juventude Militar masculina e feminina vinculadas às Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover o encontro dela com as velha gerações e as atuais de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além disso, tentar despertar no turbilhão da hora presente, prestes a ingressar-se no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e sobretudo estímulo e editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação. É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e a perspectiva históricas das mesmas e além das suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas calcadas na criatividade de sem quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas. A AHIMTB foi pioneira em Home Page.

No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões solenes junto a juventude militar terrestre brasileira a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais Infantaria da Aeronáutica e Polícia Militares que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural.

Ela não é urna dissidência do IGHMB e sim um reforço no tocante a História Militar Terrestre do Brasil e já consagrou como patronos diversos sócios falecidos do IGHMB e possui como acadêmicos diversos membros do IGHMB, oriundos do Exército. Uma proposta que depende do apoio e prestígio das lideranças das FTB sem o que seu futuro é incerto. O historiador detém o saber e o chefe militar o poder. E deste consórcio, dependerá o êxito da AHIMTB como hoje é um sucesso a Academia Brasileira de Letras, onde são raros os militares lá aceitos ao longo de sua história. Daí a necessidade de uma Academia de História Militar Terrestre.

Um Exército é construído por chefes e livros de seus escritores. Da mesma forma que alguém afirmou que o Brasil é construído por homens e livros. Pois, o sabre e o livro são irmãos!

O pesquisador Ruas Santos: Dos quadros de nossa FEB despontou um dos mais profícuos e produtivos historiadores do Exército - o Cel Inf Francisco Ruas Santos. Preocupado com a filosofia, teoria e instrumentos de trabalho da História do Exército, realizou importantes ensaios. Entre eles, registre-se a elaboração dos índices de todas as nossas revistas militares até 1957 (18).

Preocupou-se igualmente com o relacionamento de fontes bibliográficas e hemerográficas relativas à FEB, difundida pela BIBLIEX (19).

Durante 20 anos, como “hobby”, ou no exercício de funções ligadas à História, seja na AMAN, seja na 5ª Sec (História e Geografia) - EME, e finalmente, na Comissão de História do Exército Brasileiro, pesquisou intensamente a História do Exército. O resultado foi o ensaio da **Teoria do Exército**. Teoria produzida, particularmente na parte de “Lutas Internas e Externas”, de nossas FTB, desde o Descobrimento. Acreditamos que poucos são os exércitos que dispõem de uma Teoria de História como o nosso. Vestígios de seu intenso labor neste sentido são os arquivos que deixou na Seção de História da AMAN e no C Doc Ex, em Brasília. Em local próprio voltaremos ao assunto.

Em 1971, o EME recorreu aos seus conhecimentos e experiências para integrar a Comissão de História do Exército - EME (CM) . Comissão que teve a seu cargo o planejamento, coordenação e elaboração da História do Exército Brasileiro – Perfil militar de um povo. Obra editada, em 1972, sob os auspícios do EME, como parte dos festejos do sesquicentenário da Independência. E mais, o encaminhamento de problemas relativos à História Científica do Exército, nos seus aspectos de História da Doutrina do Exército ou da Arte e da Ciência da Guerra do Exército Brasileiro. História Científica, visando a extrair subsídios didáticos e doutrinários, do patrimônio cultural das FTB, acumulado em quase cinco séculos, desde o Descobrimento. Objetivo: coloca-los à serviço da construção do Exército do futuro (20).

O Cel Ruas Santos coordenou a 2ª edição da História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai de Tasso Fragoso. Organizou índices que a valorizaram, sobretudo, como instrumento de trabalho.

Chefes do Exército que têm estudado e pesquisado a História do Exército Brasileiro:

Ao tratar-se da História do Exército Brasileiro, conclui-se que altos chefes do Exército dedicaram boas horas de seu lazer para estudá-la e pesquisá-la criticamente. E mais, a divulgar suas conclusões.

O Duque de Caxias, em 1857, produziu o primeiro estudo crítico sobre a Batalha do Passo do Rosário. Suas conclusões, solicitadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foram publicadas pela revista da Instituição do mesmo ano (21), e a divulgamos em A Defesa Nacional Nº 777 Jul/Set1997.

Produziram e divulgaram trabalhos de interesse da História do Exército, os seguintes Ministros da Guerra e após do Exército:

- Jerônimo Francisco Coelho (1844-50 e 1857-8);
- Luiz Alves de Lima e Silva (1855-7, 1861, 1875 e 1876-8);
- Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello (1881);
- Dionísio Evangelista Cerqueira (1896);
- João Neponuceno Medeiros Mallet (1898-1902) (22);
- Hermes Rodrigues da Fonseca (1906-9);
- José Bernardino Bormann (1909-10) (23);
- João Pandiá Calógeras (1919-22);
- Emídio Dantas Barreto (1910-1);
- José Caetano de Faria (1914-8);
- Fernando Setembrino de Carvalho (1922-6);
- Pedro Aurélio de Goes Monteiro (24);
- Odylio Denys (25); e
- Aurélio Lyra Tavares (26).

Chefes do Estado-Maior e oficiais-generais que têm pesquisado criticamente e publicado trabalhos sobre História do Exército (relação parcial);

Augusto Tasso Fragoso, Alfredo Malan d'Angrone, Humberto Castelo Branco, Antônio Carlos da Silva Muricy, Alfredo Souto Malan. Como oficiais-generais alinham-se entre muitos J. B. Mascarenhas de Moraes, Estevão de Carvalho, José Pessoa, Antonio Leôncio Ferraz, Severino Sombra, Altamirano Nunes Pereira, Raphael Danton Garrastazu Teixeira, Francisco José Pinto, Raul Bandeira de Mello, João Borges Fortes, Moreira Guimarães, Souza Docca, Virgílio de Primo, Manoel Liberato Bittencourt, Jonas Moraes Correia, J. F. de Lima Mindello, José Lima Figueiredo, P. Cordolino F. Azevedo, Paulo Cidade, Arnaldo Damasceno Vieira, João Batista de Mattos, João Manuel Borges Fortes, Afonso do Carvalho, Onofre Muniz de Lima, Paranhos Antunes, Inácio José Veríssimo, A. F. Correia Lima, Cavalcanti Proença, Carlos Sudá Andrade, José Felício de Lima, João de Melo Moraes, Tristão Alencar Araripe, Djalma Poly Coelho, Valentim Benício, Walter Santos Meyer, Meira Mattos, Frederico Rondon, Adalardo Fialho, Ayrton Freitas, Joaquim Rondon, Otávio Castro, Omar Chaves, Humberto Peregrino, Lauro Alves Pinto, Adailton Pirassununga, Ferdinando de Carvalho, Salim de Miranda Amyr Borges Fortes, Waldemiro Pimentel, Edmundo Macedo Soares, Otávio Costa, Raul Silveira de Mello, Antonio de Souza Junior, Silveira Prado, J. Campos de Aragão, Azevedo Pondé, Aguinaldo Senna Campos. Langleberto Soares, Figueiredo de Lobo, Riograndino Costa e Silva, irmãos Andrada Serpa, além de outros.

Esta relação está longe de estar completa. Serve apenas como uma amostragem da preocupação de chefes do Exército, com a preservação da Memória Militar Terrestre Brasileira. Ela foi retirada da Bibliografia da REB e da RIGHMB.

Temos conhecimento de muitos chefes do Exército que têm estudado

com especial interesse a História Militar Mundial e a do Exército História Militar Mundial e a do Exército Brasileiro, sem no entanto divulgarem suas conclusões, mas sim, incorporarem à Doutrina do Exército os ensinamentos colhidos (27).

Muitos chefes do Exército, ao passarem para a reserva, tem encontrado na pesquisa e na divulgação da História do Exército Brasileiro um lenitivo. E mais uma forma de continuar prestando serviço ao Exército e ao Brasil. Alguns denominam esta atividade como “ócio com dignidade”. E muito tem se beneficiado e enriquecido a História do Exército com estas contribuições.

Notas ao Capítulo 3

- 1 - Carta de Lei, de 07 de dezembro de 1810 - Publicação da AMAN.
- 2 - CERQUEIRA, **Reminiscências da...** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1958, 4ª Ed.
- 3 - Fernando Luiz Osório, Fernando Osório e Fernando Luiz Osório dedicaram-se à História Militar. Ou sejam, pai, filho e neto, respectivamente, filho, neto e bisneto do general Osório.
- 4 - OSÓRIO, Fernando. **Sangue e Alma do Rio Grande**. Porto Alegre: 1934.
(Relaciona as obras do autor P.8).
- 5 - BENTO, Cláudio Moreira. **Fortificação e Fortificadores do RGS. Revista Engenharia no RGS**, Nº e os Brummer – Os Primeiros Pontoneiros do Exército Brasileiro, in: **Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização do RGS**, São Leopoldo, Ed Rotermund, 1974, p.p. 333-354.
- 6 - Vide JOURDAN, Emílio; in: BARRETO. **Bibliografia Sul-Rio Grandense**.
- 7 - Idem nota anterior.
- 8 - BENTO, Cláudio Moreira. Discurso de posse na Academia Brasileira de História, 07 Out 76, em São Paulo, tendo como patrono o general Tasso Fragoso.
- 9 - Ver RUAS SANTOS. **Coleção Bibliográfica Militar**. Índice de assuntos e autores.
- 10 - Vide sua obra **Memórias de um Soldado Legalista**.
- 11 - **Letras em Marcha**. Fev 1978,
- 12 - Vide bibliografia parcial na EB, p. e 1105 – v. 3, e seu retrato projeção de sua obra, P.1072. Acaba de ser reeditada pela BIBLIEX sua obra sobre o **General Osório**. J.B. Magalhães tirou curso militar na França.
- 13 - Vide obra **O Marechal Castelo Branco seu Pensamento Militar**. Rio: ECEME.
- 14 - O Presidente Castelo Branco e os Montes Guararapes. In. op. cit. nota 5 p 21-22
- 15 - BENTO, Cláudio Moreira. Parque Histórico, Nacional dos Guararapes.
In: **A Grande Festa dos Lanceiros**. Recife: UFPE, 1571, p. 53-55.
- 16 - Vide relação de sócios e patronos do IHGMB era sua revista RIHGMB, v. 15, 1975, pp. 2-18, bem como o Decreto de sua criação.

17 - Carta ao autor, de 09 Fev 78, abordando problemas relacionados com a necessidade de dinamização do IGHIG (Reformas de estatutos, necessidades de apoio oficial, etc.). Carta idêntica dirigida ao Ten-Cel Fernando Maia Pedrosa.

18 - RUAS SANTOS - **Bibliografia Militar**. Índices da Defesa Nacional (DN) e Revista Militar Brasileira (RMB) até 1957, com um exemplar no C Doc Ex.

19 - RUAS SANTOS - **Fontes para a História da FEB** – Rio de Janeiro: BIBLIX, 1958.

20 - Vide no C Doc Ex. Documento relativo à História da CHEB (Criação, missões, extinção).

21 - RIHGB - 1957 - CAXIAS interpretou a Batalha do Passo do Rosário com o apoio em testemunhos que colheu de oficiais brasileiros, orientais e argentinos durante a Revolução Farroupilha e a Guerra contra Oribe e Rosas.

22 - Trabalho a pedido do Dr Fernando Luiz, Osório, filho do general Osório, sobre a Devassa e sobre a entrega da Vila do Rio Grande, em 1763, aos espanhóis.

23 - BENTO, **Estrangeiros e Descendentes**..

24 - Um grande estudioso de História Militar.

25 - Ultimamente, vinha estimulava honrava revelavam publicando diversos trabalhos no **Letras e Marcha**. E nos estimulava sobremodo a prosseguir e nos honrava com importantes cartas que revelavam o grande estudioso e conhecedor de História Mundial e do Exército Brasileiro de sua geração.

26 - Desde major vem produzindo importantes trabalhos sobre a História do Exército, particularmente sobre a Engenharia Militar. Foi membro da Junta Militar que substituiu o Presidente Costa e Silva. É membro da Academia Brasileira de Letras.

27 - Foi o Mal Hermes da Fonseca um estudioso da História da Doutrina Militar Geral e a da Doutrina do Exército, com vistas a desenvolvê-la à altura do Brasil da época.